

**Saberes ancestrais e formação de professores de biologia: aproximações entre  
história ambiental e narrativas locais na proteção do patrimônio biocultural**

**Saberes ancestrales y formación de profesores de biología: aproximaciones  
entre la historia ambiental y las narrativas locales en la protección del patrimonio  
biocultural**

**Ancestral knowledge and biology teacher training: bridging environmental  
history and local narratives in the protection of biocultural heritage**

Rosiléia Oliveira de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo**

Neste ensaio discutimos o papel que o ensino de biologia pode ter na proteção do patrimônio biocultural e sobre o lugar que abordagens antropológicas que visam compreender as diferentes relações que se estabelecem entre os seres humanos, suas culturas e a natureza que os rodeia podem assumir no ensino e na formação de professores de biologia, numa perspectiva intercultural. Argumentamos que estratégias que acionam o passado, por meio da história ambiental, das narrativas míticas e de uma concepção histórica do discurso podem se constituir em poderosos dispositivos educacionais para o diálogo intercultural na formação de professores e no ensino de Biologia. Tomamos como objeto de estudo o discurso sobre a *camboa*, enquanto termo, artefato e arte de pesca, por meio de um enfoque que põe em destaque a relevância de abordagens que promovam a convergência entre a história ambiental, a pesquisa narrativa e a análise do discurso. Exemplificamos a proposta de se colocar em relação a história e a memória biocultural dos alunos e de suas comunidades com a narrativa *Camboa do Padre*, identificada em duas comunidades de pescadores do litoral da Bahia, Brasil. Evidenciamos, a partir desse estudo, que é importante conhecer a rede de filiações em que o termo, o artefato e a técnica se inscrevem para que possam ser atribuídos sentidos às narrativas locais, ampliando horizontes de conservação do patrimônio biocultural.

**Palavras-chave:** memória biocultural; história ambiental; narrativas locais; repetição histórica; diálogo intercultural.

**Abstract**

In this essay we discuss the role that biology education can play in the protection of biocultural heritage and the place that anthropological approaches that aim to understand the different relationships that are established between humans, their cultures and the nature that surrounds them can take in the teaching and training of biology teachers, from an intercultural perspective. We argue that strategies that trigger the past, through environmental history, mythical narratives and a historical conception of discourse can become powerful educational

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: [roalmeida@ufba.br](mailto:roalmeida@ufba.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6804-1816>



devices for intercultural dialogue in teacher education and biology teaching. We take as object of study the discourse about the "camboa", as a term, artifact and fishing art, through an approach that highlights the relevance of approaches that promote the convergence between environmental history, narrative research and discourse analysis. We exemplify the proposal of relating the history and the biocultural memory of the students and their communities with the narrative "Camboa do Padre", identified in two fishing communities on the coast of Bahia, Brazil. We evidence, from this study, that it is important to know the network of affiliations in which the term, the artifact and the technique are inscribed so that meanings can be attributed to local narratives, expanding horizons of conservation of the biocultural heritage.

**Keywords:** biocultural memory; environmental history; local narratives; historical repetition; intercultural dialogue.

### Resumen

En este ensayo discutimos sobre el papel que la enseñanza de la biología puede tener en la protección del patrimonio biocultural y sobre el lugar que los enfoques antropológicos que pretenden comprender las diferentes relaciones que se establecen entre los seres humanos, sus culturas y la naturaleza que les rodea pueden asumir en la enseñanza y formación de los profesores de biología, en una perspectiva intercultural. Argumentamos que las estrategias que desencadenan el pasado, por medio de la historia ambiental, las narraciones míticas y una concepción histórica del discurso pueden constituir poderosos dispositivos educativos para el diálogo intercultural en la formación del profesorado y la enseñanza de la biología. Tomamos como objeto de estudio el discurso sobre la "camboa", como término, artefacto y arte de pesca, a través de una aproximación que destaca la relevancia de los enfoques que promueven la convergencia entre la historia ambiental, la investigación narrativa y el análisis del discurso. Ejemplificamos a proposta de colocar em relação a história e a memória biocultural dos alunos e das suas comunidades com a narrativa "Camboa do Padre", identificada em duas comunidades de pescadores en el litoral de Bahía, Brasil. Evidenciamos, a partir de este estudio, que es importante conocer la red de afiliaciones en la que se inscriben el término, el artefacto y la técnica para que se puedan atribuir significados a las narrativas locales, ampliando los horizontes de conservación del patrimonio biocultural.

**Palabras clave:** memoria biocultural; historia ambiental; narrativas locales; repetición histórica; diálogo intercultural.

### Introdução

Neste ensaio tecemos reflexões sobre o papel que o ensino de biologia pode ter na proteção do patrimônio biocultural e sobre o lugar que abordagens antropológicas que visam compreender as diferentes relações que se estabelecem entre os seres humanos, suas culturas e a natureza que os rodeia podem assumir no ensino e na formação de professores de biologia, numa perspectiva intercultural. Para esse fim, tomamos como tema de discussão o discurso sobre as



*camboas* por meio de um enfoque que privilegia a convergência de três campos: a história ambiental, a pesquisa narrativa e a análise do discurso.

A construção dessa convergência assenta-se no pressuposto de que a biologia amplia seu potencial pedagógico na proteção do patrimônio biocultural ao se adotar abordagens antropológicas<sup>2</sup> que ultrapassem os seus objetos específicos, por meio do aprofundamento do diálogo com outras ciências e com a história e a memória biocultural dos alunos e de suas comunidades.

A partir do referido pressuposto, argumentamos que a história ambiental, por considerar as temporalidades do mundo biofísico e biológico na análise da história humana, amplia as possibilidades de compreensão das relações historicamente estabelecidas pelos grupos humanos com os seus territórios. Isso porque os historiadores, que se limitam ao campo da história social, e os biólogos, que se restringem ao estudo da história natural de um lugar, passam a combinar seus enfoques na tentativa de entender as mudanças de longa duração nas paisagens, decorrentes da ocupação humana, e os possíveis impactos socioambientais dela decorrentes (Drummond, 1991; Dean, 1997). Os estudos que incorporam pressupostos e métodos da história ambiental têm grande potencial pedagógico, uma vez que enfatizam como a interferência humana nos ecossistemas têm gerado a degradação, em muitos casos irreversível, do rico patrimônio representado pela biodiversidade.

Ao pensarmos nas implicações da história ambiental para o campo do ensino de ciências e biologia é importante atentarmos para a necessidade de uma mudança de enfoque que considere que muitos problemas ambientais têm suas raízes no passado e não podemos esquecê-lo. Conforme ressalta Pynen (2011), "o passado torna-se útil, não apenas enquanto conjunto de dados ou rol de lições, mas quando é esclarecido pelo julgamento" (p. 59). A história ambiental, embora seja, por um lado, uma fonte de narrativas do fracasso e da insensatez humana em lidar com a natureza e da arrogância que nos fez menosprezar muitos conhecimentos valiosos, por outro lado nos oferece narrativas de sucesso na conservação e proteção de modos de vida e ambientes. Nesse sentido, a história ambiental permite ensinar/aprender sobre a ambivalência das relações natureza-cultura, evitando o alarmismo apocalíptico (Mauch, 2011), bem como o negacionismo ingênuo, nos julgamentos e agendas políticas.

Associadas à história ambiental, a pesquisa narrativa e a análise do discurso permitem compreender os sentidos atribuídos pelos grupos humanos às relações que estabelecem historicamente com o seu território. A pesquisa narrativa permite a aproximação às formas imaginativas de existência no mundo e às sensibilidades dos povos originários, para quem os rios, montanhas, pedras e outros entes da floresta têm personalidade, compartilham das suas experiências e participam de narrativas importantes para a conservação ambiental. Assim, as

<sup>2</sup> Evitamos neste texto empregar o termo *etnobiologia*, comumente adotado em abordagens que promovem interface entre olhares antropológicos e conhecimentos biológicos locais por considerarmos que o referido termo apresenta uma carga colonial, incompatível com abordagens voltadas ao diálogo intercultural. Além disso, o uso do prefixo *etno* desconsidera que todo conhecimento é produzido localmente, no interior de determinada cultura, inclusive a ciência ocidental moderna, com sua pretensão de universalidade.



narrativas míticas, presentes no imaginário humano em todos os tempos e lugares, podem ser acionadas, em projetos didáticos, para o enfrentamento dos problemas socioambientais atuais.

As narrativas míticas apresentam características que fazem com que elas exerçam grande fascínio - as quais são discutidas pormenorizadamente por Vegini, Vegini e Ferreira Neto (2014) -, o que as torna um dispositivo potente para a educação intercultural voltada para a promoção do diálogo entre ontologias, éticas e estéticas distintas. Além disso, sua abordagem pode contribuir para a delimitação entre duas modalidades de pensamento adotadas na interpretação da realidade: o pensamento argumentativo e o pensamento narrativo. Enquanto o pensamento argumentativo predomina em construções discursivas com pretensão de veracidade no plano empírico, o pensamento narrativo se apoia em experiências e memórias, dele se exigindo apenas verossimilhança. A valorização desses dois gêneros de discurso, sem hierarquizá-los, amplia as possibilidades de interpretação do mundo nas aulas de Ciências e Biologia.

Já a análise do discurso, por ter como pressuposto que é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique, pode inspirar processos de formação de professores e práticas de ensino de ciências e biologia que reconheçam a importância de que a abordagem de narrativas míticas na sala de aula ultrapasse a repetição empírica, que se restringe à repetição do registro disponível na memória social, bem como a repetição formal, em que se atribui sentido aos termos, mas sem historicizá-los. A repetição histórica, ao contrário das modalidades precedentes, inscreve o discurso numa rede de filiações, já que o situa em um interdiscurso com outros tempos e lugares, ampliando as possibilidades de produção de sentidos.

Ademais, considerando-se que o lugar social a partir do qual os sujeitos falam marca o discurso com a força da locução que este lugar representa, podemos afirmar que as posições de sujeito são carregadas do poder que as constitui. Ao se instituir nas salas de aula espaços para o estudo das narrativas míticas locais, os membros das comunidades portadores de saberes bioculturais serão reconhecidos, em sua posição de sujeito, em contraposição aos professores, detentores do conhecimento acadêmico. Além disso, o trabalho com narrativas permite trazer à tona a opacidade contida no texto, expondo sentidos que foram obscurecidos por processos ideológicos os quais levaram à produção de determinadas interpretações como únicas e necessárias (Orlandi, 2010). Diante da herança colonial, a interpretação, por exemplo, de que a narrativa mítica Camboa do Padre, sobre a qual aprofundaremos a discussão mais adiante, teve origem portuguesa poderia ser apresentada como a única possível, especialmente porque o uso do termo "padre" em seu nome envolve uma associação com a Igreja Católica. Assim, essa interpretação particular seria tomada como única e verdadeira, desconsiderando a possibilidade de deslocamento do discurso para contemplar outras interpretações, já que um texto é uma unidade aberta, que tem relação com outros textos existentes, possíveis ou imaginários.

Concordamos com Freitas *et al.* (2018) quando afirmam, que "elementos do passado somente persistem se puderem expressar realidades presentes" (p. 144). No entanto, entendemos que a relevância dos elementos do passado também se relaciona com a sua potencialidade para a



Bio-pánel

prospecção e construção de realidades futuras em que o patrimônio da sociobiodiversidade seja valorizado. Assim, argumentamos que estratégias que acionam o passado, por meio da história ambiental, das narrativas míticas e de uma concepção histórica do discurso podem se constituir em poderosos dispositivos educacionais para o diálogo intercultural na formação de professores e no ensino de Biologia com vistas à permanente reconstrução das identidades.

### **Narrativas míticas sobre a camboa: construindo sua rede de filiações**

O trabalho didático com narrativas míticas pode envolver, dentre outras atividades, a abordagem investigativa sobre como os alunos chegaram a conhecê-las, que sentidos atribuem a elas e que implicações eles consideram que elas podem ter para suas vidas. No que se refere aos sentidos que podem ser atribuídos às narrativas míticas, é importante uma abordagem que, como vimos, não se restrinja a uma perspectiva internalista, focada apenas na interioridade do texto ou do grupo social, mas que os coloque em relação com outros textos, tempos e lugares. Isso porque, conforme destaca Orlandi (1994, p. 53), embora o discurso suponha um sistema significante, cuja apropriação é importante na escola, é a relação desse sistema com a exterioridade que permite lhe atribuir sentido, uma vez que “é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (p. 53).

A possibilidade da repetição histórica pode ser ilustrada com base numa narrativa mítica que circula entre os habitantes das comunidades de Siribinha e Poças, pertencentes ao município do Conde, no estado da Bahia, Brasil. A narrativa mítica *A Camboa do Padre* foi identificada nessas comunidades durante atividade de ensino desenvolvida em 2018, com estudantes das séries iniciais da educação básica, sobre contos culturais no contexto do projeto colaborativo com professoras locais denominado *Conservação, Educação e Pesca*, voltado para a promoção do diálogo intercultural (El-Hani, 2022; Silva, 2022), cuja equipe integramos<sup>3</sup>. A narrativa mítica foi identificada, relatada, redigida ilustrada por mais de um estudante, ocorrendo poucas variações entre as versões. Segundo a narrativa, um padre que morava às margens do rio Itapicuru, após ter morrido, passou a amedrontar as pessoas que ali passavam (El-Hani, 2022). Nessas narrativas, é possível perceber o uso da palavra *camboa* associado a um lugar geográfico, ao se afirmar que “um padre [...] morava na camboa [...] e foi enterrado lá” (Figura 1).



<sup>3</sup> Foi citado o nome simplificado do projeto *Pesquisa etnoecológica, educacional e de conservação e inovações pedagógicas em comunidades pesqueiras: Em busca da conservação ambiental e cultural*, vinculado ao Instituto de Biologia/UFBA e ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução, coordenado pelo Prof. Charbel Niño El-Hani, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o nº 2.937.348.

## Os estudantes de Poças contam suas histórias

Alice dos Santos Nascimento

Há muitos anos atrás existia um padre que morava na  
Camboa, certo dia esse padre morreu, e foi enterrado lá.

Um dia seu João foi buscar açúcar lá na Barra. Então,  
passando pela Camboa do Padre, ele viu um homem todo  
de branco. Ele ia para um lado e o fantasma o seguia.

Seu João correu, mas ele estava tão assustado que  
chegou a desmaiar. O fantasma do padre então botou areia  
na boca dele.

Os amigos foram procurar ele, e o acharam. Pegaram  
uma tarrafa e o cobriram. E tiraram a areia da boca dele.



Figura 1. Narrativa de estudante da comunidade de Poças sobre a Camboa do Padre.  
Fonte: Livro Contos e Encantos do Mangue, Rio e Mar: histórias contadas pelas crianças  
de Siribinha e Poças, 2018.

Ao refletirmos sobre essa produção, somos levados a formular alguns questionamentos: Será que os estudantes atribuem sentido formal ao termo *camboa*, ou seja sabem o seu significado estabilizado socialmente enquanto um artefato/técnica de pesca, ou apenas repetem o termo, por escutá-lo com frequência no seu grupo social? Diante do fato de que o uso desse artefato/técnica (Figura 2) de pesca se tornou pouco frequente na região (cf. Fonseca, 2021), a abordagem desse aspecto poderia gerar novas investigações junto com os alunos sobre: O que é uma camboa? Como e com que materiais é construída uma camboa? Que fatores teriam levado à diminuição do uso da camboa, enquanto artefato/técnica de pesca? O termo teria outro(s) sentido(s)? Havia uma camboa no passado onde hoje se identifica, geograficamente, a Camboa do Padre? O termo camboa é um termo vernacular exclusivamente local ou é também usado em outros lugares? Só existe camboa e Camboa do Padre nesta comunidade? Em conversas com professoras e crianças da comunidade há um entendimento de que a narrativa *Camboa do Padre* é uma narrativa local, até mesmo porque o lugar geográfico Camboa do Padre existiria apenas na localidade.





Figura 2. Camboa em área de mangue em Siribinha.  
Autoria: Juliana Fonseca (2021).

Outros questionamentos podem ser feitos: essa/e técnica/artefato teria surgido por influência indígena tupinambá, africana ou portuguesa, já que grupos dessas três origens habitaram a região no passado? A referência a um padre no conto teria relação com a presença de jesuítas na região, no período colonial (cf. Pereira, 2011), ou se relacionaria com algum outro evento? Todas essas dúvidas reforçam a importância de se conhecer a rede de filiações em que o termo, o artefato e a técnica se inscrevem pode ajudar a dar sentido à narrativa e à realidade local, ampliando horizontes de conservação do patrimônio biocultural.

O uso do termo *camboa* para se referir a um lugar, embora pareça aos moradores das comunidades de Poças e Siribinha como algo próprio, também é constatado em outras localidades. A publicação *Pesca, História: pois, conte outra!* (Comissão Ilha Ativa, 2015), produzida a partir de rodas de conversa com pescadores e marisqueiras de comunidades dos estados do Piauí e Ceará, traz, por exemplo, um conto intitulado Machado Visagente, no qual há referência à Camboa das Almas, à Camboa do Machado e à Camboa do Padre, lugares relacionados a uma narrativa em que pessoas que se encontravam numa canoa teriam ouvido batidas de um martelo cortando o mangue (Figuras 3 e 4).



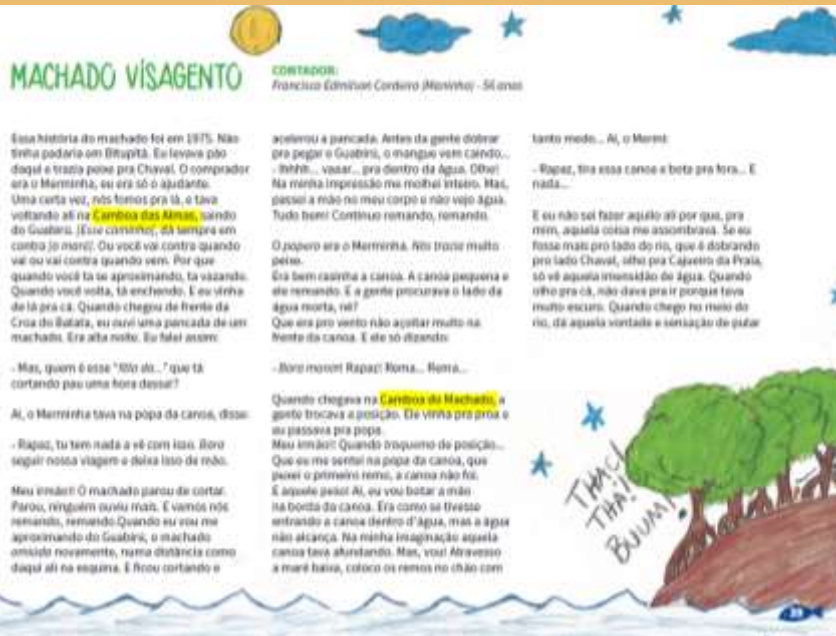


Figura 3. Conto sobre as batidas de machado no mangue com referência às camboas das Almas, do Machado e do Padre (Comissão Ilha Ativa, 2015, p. 39).

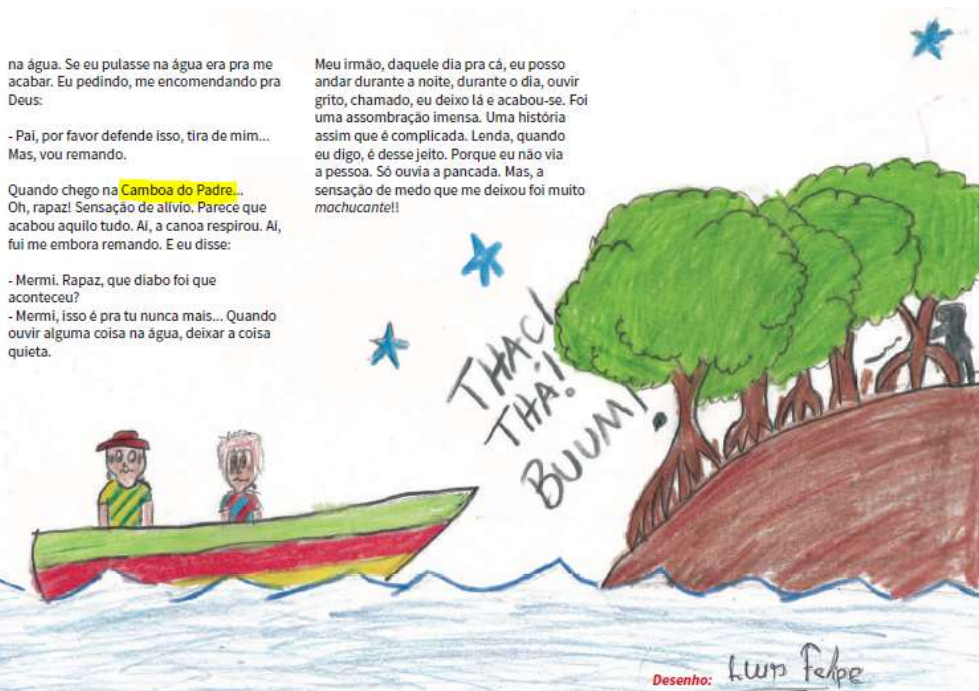


Figura 4. Conto sobre as batidas de machado no mangue com referência às camboas das Almas, do Machado e do Padre (Comissão Ilha Ativa, 2015, p. 40), continuação.

Os portugueses, em sua corografia - termo usado para a descrição de lugares, entre os séculos XVII e XIX -, conceituavam *camboa* como lago ou beira-mar, com porta por onde entra o peixe com a maré, e fica em seco na vazante, havendo referência a um padre que desembarcou em 1781 num lugar chamado *camboa*, região habitada por indígenas, no Rio Paraíba, no Brasil (Barros, 1992). Daí questionamos: esse relato histórico teria transitado para outras regiões pesqueiras do Brasil, chegando a Siribinha e Poças? Os termos *camboa* e *gamboa* têm a mesma origem e significado? Em Siribinha e Poças emprega-se o primeiro termo, mas em outras cidades baianas usa-se o segundo, sendo ambos considerados variantes fônicas para denominar um método ou artefato de pesca (Pereira, 2011).

O termo *camboa*, para Matos (2014 apud Assunção, 2017), seria de origem indígena, designando “cercado de tranqueiras ou fecho de paus e cipós, ou seja, armadilha para pegar peixe ou técnica muito usada pelos índios tupinambás para pescar. (...) lago artificial a beira-mar, cercado por uma estacada de paus e pedras, onde, na maré cheia, entra o peixe miúdo, o qual, na maré baixa, fica aprisionado e é recolhido” (p. 26). A etimologia do termo, em tupi-guarani, segundo Del'Antônio (2005), viria de *caa* (mato, galhos, varas) + *ambo* (fechar, encurralar), sendo que ele também seria utilizado como topônimo, como constatamos no caso da Camboa do Padre, em Siribinha e Poças. Conforme Pedro (2017), o Porto da Barra em Salvador, região que foi habitada por indígenas tupinambás, era nomeado Camboa, no passado. Na Guiné-Bissau é usado o termo *gamboa* para designar “estacaria usada na pesca para reter o peixe quando o nível da água baixa” (Fernandes, 2012, p. 22), havendo o termo correspondente em crioulo guineense, *cambua*. Assim, diante da constatação de que há referência a essa armadilha e a esses termos na Guiné-Bissau, será que o uso do termo no Brasil não poderia ter origem africana? A favor dessa hipótese, há registro de uso do artefato *camboa* por comunidades quilombolas (Moraes, 2012).

Por outro lado, segundo Freitas (2004), eram usados em Portugal, no passado, “desde tempos imemoriais”, lugares chamados de camboas, os quais correspondiam a áreas rodeadas por muralha, construídas com pedras, onde os peixes ficavam presos na maré vazante. Assim, será que os termos usados no Brasil e na África não teriam origem portuguesa, tendo em vista a similaridade das técnicas? Segundo o autor, o padre António Carvalho Costa, na Corografia Portuguesa, escrita entre 1706 e 1712, refere-se à existência de camboas em 1262, em determinada região portuguesa, conceituando o termo: “*são as camboas huns lagos que se fazem com paredes, e portas para o mar, abrem-se quando a maré cresce, com que lhe entra a agua, e o peixe que nella vem; cerram-se em preamar e em maré vasia fica nelas o peixe em seco...*” (p. 167, grafia original). O uso da técnica em Portugal com a nomeação de *pesqueira* foi atestada em documento do ano de 953, sendo que seu uso passou a ser proibido, por razões ambientais, na década de 1940. Já o uso do termo *camboa* para se referir à técnica, naquele país, foi atestado em documento de 1258, havendo a suposição de que antes dessa data tenha sido usado também o termo *cambua*, mesmo termo que foi referido como presente na língua crioula, por Fernandes (2012), na Guiné-Bissau. Segundo Correia (2013), o uso de camboas foi proibido, em Portugal, para proteger os peixes, por envolver captura não seletiva. Como elas eram propriedade privada, seus nomes eram associados aos seus donos: Camboa da



Bio-pánel

Condessa, Camboa do Padre (nome que nos remete ao nome do conto de Siribinha e Poças!), dentre outros.

Em vários lugares, na Península Ibérica, as variantes camboa/gamboa são usadas como topônimos para designar locais em forma de meia lua, como as enseadas, sendo que, conforme Boutureira (1999), o termo *camboa* (com variantes gamboa e comboa) é derivado da raiz céltica *cam-b-*, que significa curvatura, o que justifica o seu uso como topônimo para lugares de remanso, como enseadas onde se instalavam pesqueiras. A referência ao uso desse artefato de pesca remete aos séculos IX, X e XI, uma vez que documentos desse período fazem referência às *canalégas*, dispostas nos rios, termo que depois foi substituído por *piscarias*, tanto nas Astúrias como em Portugal, que antecederam o uso do termo *cambóa* (VITERBO, 1865, p. 160)

Em Portugal, há vestígios de antigas camboas, as quais foram desativadas e, em muitos casos, ficaram soterradas por areia depois da proibição de seu uso, vindo a ser descobertas e estudadas (Figura 5) (Freitas, 2004).



Figura 5. Vestígio da Camboa do Picão, que ficou soterrada durante várias décadas. Fonte: (Freitas, 2004, p. 185).

No Brasil, em certas regiões do Nordeste, especialmente no Ceará, a técnica da pesca com camboa é denominada pesca de curral, com a hipótese de que teria ocorrido a influência da criação de gado sobre a técnica e seu nome. Essa hipótese é sustentada sobretudo pelo fato de serem empregadas, na pesca de curral, muitas das regras e categorias existentes na pecuária (Araújo; Pereira, 2015). Embora seja legítima a associação feita pelos autores entre a pesca de curral e a pecuária no Ceará, o uso desse termo pode ter outras filiações convergentes, já que o termo curral era empregado no passado, na Galícia, para se referir ao artefato primitivo empregado para reter o pescado na maré baixa (Boutureira (1999) (Figura 6).





Figura 6. "Curral" primitivo para reter o pescado na maré baixa.

Fonte: Boutureira (1999).

Vemos assim que a origem do termo *camboa* envolve processos complexos. Tal como o mangue, que é difícil identificar onde termina o rio e onde começa o mar, a palavra *camboa* comporta mais do que uma homonímia - palavras diferentes no passado, com origens diferentes e significados diferentes passam a ter uma escrita igual, mantendo significados independentes, por exemplo *manga* de camisa e *manga* fruta. A relação entre as palavras *camboa*, lugar com curvatura, e *camboa*, fechar com varas, é, sem dúvida, uma homonímia, mas envolve significados amalgamados, não se podendo estabelecer limites precisos, em decorrência das similaridades dos lugares, das técnicas e instrumentos aos quais elas são associadas no Brasil, em Portugal e na Guiné-Bissau. Nesse caso, como em muitos outros, os usos locais das palavras e das técnicas não envolvem a assimilação passiva de epistemologias coloniais, mas a produção ativa, antropofágica, de efeitos de sentidos, muitos talvez (ainda) não dicionarizados, em um processo inventivo continuamente em curso.

### Considerações finais

Se fios invisíveis unem os habitantes de Siribinha e Poças aos colonizadores, evidenciados em muitos saberes e práticas, entre elas as artes de pesca e, especificamente a memória biocultural do uso de camboas, muitos desses saberes e práticas também são ligados, por fios invisíveis, à nossa ancestralidade autóctone e aos negros escravizados. Ao evidenciarmos esses laços que unem diferentes culturas, é importante que seja assinalado o processo criativo por meio do qual as camboas portuguesas foram integradas às práticas ancestrais, por meio da substituição das pedras pela tecitura em fibras, enquanto uma prática antropofágica.

Assim, argumentamos que abordagens na formação de professores e no ensino de Biologia que propiciem oportunidades para a construção de tecituras ambientas nas quais se cruzem diferentes tempos e espaços, por meio de dispositivos que acionem a história ambiental e as narrativas e que promovam a repetição histórica, se inscrevem numa modalidade de educação antropofágica e insurgente, conforme defendemos em Molano e Almeida (2022). Essa



modalidade de educação tem potencial para fazer com que venham à tona “sobreviventes, fragmentos e elementos difusos da cultura natural, trazendo com eles toda a sua força original, através da devoração da cultura dominante, recusando a assimilação bem-comportada” (Reigota, 2011). Ela também se sustenta numa compreensão de diálogo intercultural ancorado nos territórios e na reconstrução permanente das identidades, seja por meio da reconstituição delas pela introjeção das alteridades, seja por meio da desconstrução da ilusão do projeto moderno de que haveria uma identificação fixa e absoluta das palavras com as coisas (Leff, 2010).

Esperamos ter evidenciado, por meio do estudo sobre as camboas, como é possível construir pontes, na formação de professores e no ensino de biologia, que aproximem as abordagens antropológicas da biologia/ecologia às considerações históricas e linguísticas. Esse enfoque amplia as possibilidades de entendimento das tecituras ambientais por meio da construção de múltiplas relações entre áreas dos currículos escolares, entre campos disciplinares e entre culturas. Visando ampliar possibilidades de tecituras ambientais em torno das artes de pesca, apresentamos aqui uma provocação e convite ao estudo de aproximações (existentes, possíveis e imaginárias) entre as histórias e narrativas ambientais identificadas nas comunidades de pesca referidas neste texto e as histórias e narrativas ambientais de outros territórios da América Latina, tendo em vista o seu rico potencial de reconstrução de identidades em projetos emancipatórios.

## Referências

- ARAÚJO, Antônia Gabriela Pereira de; PEREIRA, Bruno Gonçalves. “Mar de Vaqueiros”: conhecimentos tradicionais da pesca de curral e os direitos territoriais dos pescadores artesanais da praia de Bitupitá, Ceará. *Tessituras*, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 231-269, jan./jun. 2015.
- Assunção, A. V. L. L. (2017). "*Quilombo urbano*", *Liberdade, Camboa e Fé em Deus: identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.
- Barros, C. E. S. M. de (1992). *O sentido do espaço na iconografia do aldeamento missionário de São Fidélis*. 125 f. Dissertação de Mestrado (Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Boutureira, F. C.(1999). La actividad pesquera en la Galicia de los ss. IX-XIII, a través de la diplomática medieval y la toponimia actual. *Anuario Brigantino*, 22, 105-134. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2507493>
- Comissão Ilha Ativa. *Pesca história: pois, conte outra*. Parnaíba: Sieart, 2015.
- Correia, A. da C. C. (2013). *Cultura da desintegração: representações do litoral norte de Viana do Castelo*. volume II. 138 f. Dissertação (Mestrado em Arquitectura: Cidade e Território). Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Minho.



- Dean, W. (1997). *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Del'Antônio, U. J. (2005) Etimologia do topônimo Camboriú. *Blumenau em Cadernos*, 3/4. Recuperado em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/2005/BLU2005003.pdf>
- El-Hani, C. N. (2022) Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes. *Investigações em Ensino de Ciências*, 27(1), 1-38. Recuperado de: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2022v27n1p01>
- Fernandes, R. M. (2012). *O Informal e o artesanal: pescadores e revendedeiras de peixe na Guiné-Bissau. Fronteiras pós-coloniais: rigidez, heterogeneidade e mobilidade*. 275 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra. Recuperado em: <http://hdl.handle.net/10316/23327>
- Fonseca, J. de O. (2021). *Pescando mudanças: embarcações, artes de pesca e educação intercultural na comunidade das Poças, Conde-BA*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Faculdade de Educação, UFBA/UEFS. Recuperado de: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34471>
- Freitas, D. (2004). As camboas de Afife. *Cadernos Vianenses*, 35, 157-236. Recuperado de: <https://lm.redeescolardeciencia.pt/wp-content/uploads/2020/08/T35A8.pdf>
- Freitas, Á. C. et al. (2018). Lendas, misticismo e credices populares sobre manguezais. In Pinheiro, M. A. A. & Talamoni, A. C. B. (Org.). *Educação ambiental sobre manguezais* (144-165). São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Campus do Litoral Paulista. Recuperado de: <https://www.clp.unesp.br/Home/publicacoes/educacao-ambiental-sobre-manguezais.pdf>
- Leff, E. (2010). *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 3. ed. México: Siglo XXI.
- Mauch, C. (2011). A magia da história ambiental e esperanças para o futuro. In Coulter, K. & Mauch, C. (eds). *O futuro da história ambiental: necessidades e oportunidades* (75-77). Braga: RCC Perspectives. Recuperado de: [https://www.environmentandsociety.org/sites/default/files/2011\\_i3\\_layout\\_portu\\_web\\_0.pdf](https://www.environmentandsociety.org/sites/default/files/2011_i3_layout_portu_web_0.pdf)
- Molano, J. G. S.; Almeida, R. O. de. (2022) Tecituras ambientais: inspirações epistemológicas e axiológicas para educações insurgentes. *Ensaio: Pesquisa em Educação e Ciências*, Belo Horizonte, 24(e38389), p. 1-17. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/epec/a/57Rttr5Tt3mPkgdFFG8JtbG/?format=pdf&lang=pt>
- Moraes, I. P. de. (2012) Do tempo dos Pretos d'antes aos Povos do Aproaga: patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no Vale do Rio Capim (PA). 237 f. Dissertação



(Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Pará. Recuperado de  
<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/4038>

Orlandi, E. P. (1994) Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, 14(61), 53-59.  
Recuperado de <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2250>

Orlandi, E. P. (2010). Análise do discurso. In: Orlandi, E. P.; Lagazzi-Rodrigues, S. (Orgs).  
*Discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, p. 13-28.

Pedro, L. (2017) *A cabeça do Brasil: A cidade do Salvador e os caminhos da capitalidade na  
Bahia (1481-1808)*. 374 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Recuperado em:  
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31950>

Pereira, T. D. (2011). *A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em  
Siribinha e Bom Jesus dos Passos*. 212 f. Mestrado (Língua e Cultura) - Instituto de  
Letras, UFBA. Salvador. Recuperado em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8652>

Pynen, S. J. (2011) O Valor Monetário da História Ambiental. In Coulter, K. & Mauch, C.  
(eds). *O futuro da história ambiental: necessidades e oportunidades (57-59)*. Braga: RCC  
Perspectives. Recuperado de:  
[https://www.environmentandsociety.org/sites/default/files/2011\\_i3\\_layout\\_portu\\_web\\_0.p  
df](https://www.environmentandsociety.org/sites/default/files/2011_i3_layout_portu_web_0.pdf)

Reigota, M. (2011). *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São  
Paulo: Cortez.

Silva, A. de A. (2022). *Educação intercultural e diálogo entre diferentes saberes: Desafios e  
possibilidades no ensino de ciências da escola básica*. 90 f. Dissertação (Mestrado em  
Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade Federal  
da Bahia, Salvador. Recuperado de: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35562>

Vegini, V.; Vegini, R. L.; Ferreira Netto, W. (2014) *O mostruoso mapinguari pan-amazônico:  
uma sucessão de adaptações aloindígenas*. Porto Velho: Temática. Recuperado de:  
<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/978.85.65720.09.0>

VITERBO, Joaquim de Santa. Rosa de. *Elucidario das palavras, termos, e frases antiquadas  
da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Typographia do Panorama, 1865. Tomo 1.  
<https://purl.pt/13944/4/>



Bio-pánel